

CENTRO UNIVERSITÁRIO INTERNACIONAL UNINTER

Curso de Bacharelado em Jornalismo

POLIANA STEFFANY DE ALMEIDA

**VOZES DA REPRESENTATIVIDADE – UM LIVRO-REPORTAGEM SOBRE A
COMUNIDADE TRANS NO BRASIL**

CURITIBA

2021

POLIANA STEFFANY DE ALMEIDA

**VOZES DA REPRESENTATIVIDADE – UM LIVRO-REPORTAGEM SOBRE A
COMUNIDADE TRANS NO BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo ao Centro Universitário
Internacional UNINTER.

Orientadora: Profª Dra. Karine Moura
Vieira

CURITIBA

2021



Curso de Bacharelado em Jornalismo
Ata de Banca de Avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso

Aos 02 dias do mês de julho de 2021 realizou-se a banca de avaliação de Trabalho de Conclusão de Curso do/a estudante Poliana Steffany de Almeida, portador do Registro Uninter 2049378 do curso de Bacharelado em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter. Na ocasião, o trabalho desenvolvido na fase de defesa, na modalidade produto, sob o título Vozes da representatividade: uma reportagem sobre a comunidade trans e orientação do/a professor/a Dra. Karine Moura Vieira, foi apreciado pelos seguintes membros da banca avaliadora:

Examinador/a 1: Dra. Máira Nunes


Examinador/a 2: Me. Márcia Boroski

Após a conferência do trabalho e considerando a média das notas atribuídas pelos professores examinadores nas fichas de avaliação, atribuiu-se a seguinte nota: 10.

Sendo assim, considerou-se o/a estudante aprovada.

Assinam os seguintes participantes:

Orientador/a: 

Examinador/a 1: 

Examinador/a 2: 

Estudante: 

Agradecimentos

Agradeço aos meus pais, Luiz e Marisa, por me acompanharem em qualquer situação. O incentivo ímpar me deu forças para não desistir e conquistar o meu sonho de menina. Queria dizer que deu tudo certo e, finalmente, a jornalista de vocês está tomando forma.

Agradeço também aos meus avós, Eunice e Antônio, por serem o refúgio de boas conversas aos finais de semana. Apesar da distância, nosso convívio é intenso e foi fundamental para que conseguisse finalizar essa etapa da minha vida.

Agradeço à minha amiga Larissa Turko pelas conversas e partilhas de momentos especiais. Com certeza é daquelas amizades acadêmicas que levarei para vida toda.

Agradeço, em especial, às minhas orientadoras, Profa. Dra. Karine Moura Vieira e Profa. Dra. Máira de Souza Nunes, por me conduzirem na produção desse projeto. O profissionalismo e compreensão de vocês foi essencial para que tudo desse certo.

Agradeço à Jaqueline Deina e Débora Marquesi pelo auxílio na construção deste livro.

Agradeço a todos os professores em que tive o privilégio de absorver conhecimento. Essa profissão admirável é a arma mais potente na luta contra injustiças.

Agradeço à Dra. Grazielle e à Bruna por me ajudarem a compreender o “mediquês” e o “juridiquês” envolvidos em um processo de transição de gênero.

Por fim, agradeço à Caroline, Linda e Caetano. Obrigada por compartilharem suas vitórias, suas risadas e suas aflições comigo. Além disso, preciso agradecer por todo o conhecimento que adquiri ouvindo suas trajetórias de vida. Com certeza, isso me marcou muito.

“Porque o jornalismo é uma paixão insaciável que só se pode digerir e humanizar mediante a confrontação descarnada com a realidade”

*GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ,
Jornalista, editor, ativista e político colombiano.*

RESUMO

O presente trabalho apresenta a produção do livro-reportagem *Vozes Da Representatividade – Um Livro-Reportagem Sobre A Comunidade Trans No Brasil*. O livro traz uma reportagem sobre o contexto da comunidade trans no Brasil e três perfis de pessoas trans que contaram suas trajetórias de vida. O trabalho contou com a realização de uma pesquisa bibliográfica sobre o tema, bem como uma pesquisa documental e jornalística, que contribuíram para a coleta de dados. Também foi desenvolvida uma pesquisa exploratória que culminou em um levantamento quantitativo com a compilação de 289 notícias, da comunidade trans no Google Notícia, com o objetivo de apresentar uma amostra sobre a cobertura da mídia sobre o tema. A apuração e produção do livro-reportagem contou com a técnica de entrevista em profundidade, com três personagens para a produção dos seus perfis, nos quais relatam suas histórias de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Transgeneridade; Jornalismo; Livro-reportagem; Representação midiática;

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA	12
2.1 COLETA DE DADOS DA PESQUISA	13
2.2 RESULTADOS.....	15
3 TRANSGENERIDADE E IDENTIDADES	21
3.1 IDENTIDADE E SEXUALIDADE	22
3.2 ANÁLISE MUDIÁTICA.....	23
4 FUNÇÃO DO JORNALISMO	25
4.1 LIVRO-REPORTAGEM.....	25
4.2 JORNALISMO DE PROFUNDIDADE	26
5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	28
5.1 DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL	31
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

“Não somos iguais, somos diferentes e, na teia de lugares sociais que ocupamos, temos acessos completamente distintos aos direitos humanos”. A frase é da educadora Letícia Carolina Pereira Nascimento (2020, p.3), uma representante da comunidade trans que se define como “travesti, negra e gorda”.

Segundo Jaqueline de Jesus (2014) pessoas trans são as que não se reconhecem no gênero que lhes foi atribuído socialmente, antes e depois do nascimento. A autora ainda cita alguns grupos que se encaixam nessa denominação: travestis, transexuais, pessoas não-binárias, crossdressers, “entre outros humanos inominados” (JESUS, 2014, p. 6).

Foi a partir dos anos 2000 que a comunidade LGBTQIA+ inseriu a população trans nas siglas do movimento, como sendo transgênero, mas as críticas das travestis “distinguiu o ‘T’ como sendo travestis e transexuais”. (SARAIVA, 2014, p.51).

Tomando como base o clássico de Umberto Eco (2014), “O nome da Rosa”, ao não saber em qual caixa - feminino ou masculino - uma pessoa pertence, dar nome à essa “rosa” é algo que o senso comum procura insistentemente. Alguns, para encaixar a população trans em alguma denominação que seja de fácil entendimento para as castas superiores, as/os chamam homens vestidos de mulher, gays mais elaborados e até doentes.

Entretanto, Saraiva (2014, p.53) explica que “também não se trata aqui de perversões, transtornos ou inversões, pois orientação afetivo-sexual não é uma patologia”. O autor acrescenta ainda que o tal falado *gene gay* não é um consenso científico e está longe de ser.

Jorge e Travassos (2018, p.77) partem ainda para a definição das pessoas transexuais, as quais “acreditam pertencer de fato ao sexo oposto e que a única via possível para concretizar o ‘ser mulher’ é a hormônio-cirúrgica; o corpo deve ser ‘corrigido’”.

Sobre o jornalismo, percebe-se que não há um debate sobre a representatividade dessas pessoas na mídia. Um exemplo está no boletim divulgado pela Antra (2020, p.36)¹, o qual revela que “91% dos casos reportados pela mídia expuseram o nome de registro das vítimas e muitos deles sem menção ao nome social”.

1 Antra - Associação Nacional de Travestis e Transexuais. <<https://antrabrasil.org/>>. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/01/dossic3aa-dos-assassinatos-e-da-violc3aancia-contra-pessoas-trans-em-2019.pdf>>. Acesso em: 14/07/2021

Quando falamos desse tipo de jornalismo, esquecemos os princípios básicos que a vertente humanista da profissão pede. Norberto Bobbio (2012, p.9) separa os direitos humanos em gerações - primeira, segunda e terceira. Segundo o autor, “as primeiras, correspondem aos direitos de liberdade, ou um não agir do Estado; aos segundos, os direitos sociais, ou uma ação positiva do Estado”. Já os direitos da terceira geração estão ligados a Declaração formulada Pós-Segunda Guerra Mundial e discorrem sobre o direito ao meio ambiente, paz entre outros “direitos difusos que tratam da fraternidade” (PINHEIRO, DHNET, s.d).

A partir de uma breve análise, percebe-se que as pessoas transgêneros, travestis, transexuais e não-binárias não se encaixam e não gozam dos direitos de nenhuma geração. Uma pequena representação da falta de respeito que essa comunidade sofre de vários lados.

Isso tudo acontece apesar da própria Declaração dos Direitos Humanos², feita pela Organização das Nações Unidas (ONU), ser bem clara em seu Artigo 2º:

Todos os seres humanos podem invocar os direitos e a liberdade proclamados na presente Declaração, sem distinção alguma, nomeadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião, de opinião política ou outra, de origem nacional ou social, de fortuna, de nascimento ou de qualquer outra situação. Além disso, não será feita nenhuma distinção fundada no estatuto político, jurídico ou internacional do país ou do território da naturalidade da pessoa, seja esse país ou território independente, sob tutela, autônomo ou sujeito a alguma limitação de soberania. (PARIS, UNICEF, 1948)

Sob a ótica do jornalismo, quando se pensa na ética da profissão, em sua abordagem intuicionista (Platão-Sócrates), essa falta de compreensão das questões de gênero e sexualidade por parte dos jornalistas é revelada. “Para Sócrates e Platão, ser ético significa seguir os ditames da consciência que dita o que é o bem e o que é o mal, além da prática das virtudes” (MOSER; LOPES, 2019, p. 32). Basicamente, ela leva esse nome por não necessitar de “provas”, ou seja, as pessoas já nascem sabendo o que é bem e o que é mal.

Ora, se o indivíduo cresce em uma sociedade que, como vimos, não inclui a comunidade trans em nenhum aspecto, qual a probabilidade de sua compreensão firmar esse grupo como o errado e, desse modo, perpetuar suas inverdades?

2 Declaração dos Direitos Humanos. <<https://unicef.org/>>.

Para entender melhor sobre os percalços vividos por essas pessoas, a autora realizou um levantamento sobre as publicações que discorrem sobre a comunidade. Ao longo de 2019, através de plataformas como o Google Acadêmico e sites de eventos em comunicação, como a Exposição de Pesquisa Experimental em Comunicação (Expocom), identificou-se que os livros existentes sobre o tema abrangem, em sua maioria, a contextualização do termo e biografias de pessoas trans.

É importante ressaltar que esta pesquisa levou em consideração livros físicos, online, artigos, ebooks, teses e dissertações. Considera-se que a maior parte da coleta fora feita de modo online, devido às regras impostas pela pandemia do novo coronavírus.

Após realizar a pesquisa, foi decidido que o melhor formato para a produção da narrativa seria um livro-reportagem, visando mais espaço para as histórias, bem como a fácil divulgação.

A obra mais próxima do livro “Vozes Da Representatividade – Um Livro-Reportagem Sobre A Comunidade Trans No Brasil”³ é “Transresistência: histórias de pessoas trans no mercado formal de trabalho” (2017), de Caetano Vasconcelos, publicado pela Editora Casa Flutuante. Também criada para um Trabalho de Conclusão de Curso, o autor entrevistou oito pessoas trans, que culminaram em sete histórias, e cada capítulo conta uma vivência diferente.

Outro exemplo é “Vidas Trans” (2017) de Amora Moira et al, lançado pela Editora Astral Cultural. A obra traz o protagonismo trans, em que cada capítulo é escrito por um dos quatro autores, que eram duas mulheres e dois homens trans.

A partir de uma pesquisa imersiva, Don Kulick nos traz o livro “Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil” (2008), através da Editora Fiocruz, o qual virou uma grande referência para o estudo dessa população. Originalmente publicado em inglês, o conteúdo é fruto de uma pesquisa de campo do autor, entre 1996 e 1997, em Salvador. A personagem que o guia em solo brasileiro é Keila Simpson, a mesma que, anos mais tarde, seria a presidente da Antra. A relação dos dois é tão profunda que Kulick dedicou o livro a ela.

Tomando como base esses exemplos, o livro “Vozes Da Representatividade – Um Livro-Reportagem Sobre A Comunidade Trans No Brasil” fala sobre a comunidade trans em um formato jornalístico com base em pesquisas, dados e fontes confiáveis. E

³ Link para acessar a obra no Issuu. <https://issuu.com/deboramarquesi/docs/17jun_final >.

Link para acessar a obra pelo Google Drive.

<<https://drive.google.com/drive/folders/1pBq6hJzUBNBaHMHPfoNt2Wlqry1mFvXv?usp=sharing>>

como forma de trazer vozes às linhas da obra, também foram incluídos relatos de pessoas que vivem isso na pele.

O objetivo geral deste trabalho é elaborar um livro-reportagem sobre pessoas trans (travestis, transexuais e não-binários).

Já os objetivos específicos são: 1) conceituar a transgeneridade, identidade de gênero e sexualidade; 2) investigar características da visibilidade de pessoas trans na mídia; e 3) entrevistar pessoas trans para trazer experiências reais e que humanizem o material e produzir um livro-reportagem contando a história desses personagens.

Considerando que a fonte jornalística é crucial para um material rico, afinal, o repórter nem sempre está “em posição de observar uma ocorrência noticiável” (Santos, 2001), os relatos de pessoas trans ajudam no entendimento dos conceitos acadêmicos, e tem como objetivo fazer refletir sobre a práxis dos jornalistas. Por isso, o trabalho tem por justificativa acrescentar maior conhecimento aos profissionais da área – sejam eles trans ou cisgênero – para que nenhuma camada da sociedade sintam-se não representada. Afinal, os jornalistas são contadores de histórias, e nenhuma delas deve ficar de fora.

Na intenção de entregar um projeto que seja acessível a todos e de fácil entendimento, o trabalho foi pensado para mesclar dados já disponíveis sobre a comunidade, e as histórias de vida de pessoas trans.

O presente trabalho apresenta 06 capítulos. O primeiro diz respeito a introdução do tema, ou seja, tem por objetivo trazer explicações sobre a comunidade T. Na sequência é apresentado a metodologia, a qual contém os dados de um levantamento feito pela autora sobre as notícias que aparecem no buscador Google. Depois, no capítulo 03, há o debate entre identidade e sexualidade. Já o capítulo 04 versa sobre a função social do jornalismo, bem como abrange a definição de livro-reportagem e jornalismo em profundidade, temas que foram relevantes na construção da narrativa. Nos dois últimos capítulos, 05 e 06, há a descrição do produto e as considerações finais do trabalho. Ao final, são apresentadas todas as referências consultadas para a produção do mesmo.

O público ao qual esse trabalho se destina são comunicadores e estudantes da área que buscam uma reflexão sobre gênero e sexualidade no âmbito da comunicação. Entretanto, essa segmentação não limita para que outros profissionais possam abranger seus conhecimentos sobre o assunto.

2 METODOLOGIA

O trabalho metodológico desenvolvido apresenta a realização de pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, uma pesquisa exploratória e, por fim, o trabalho de apuração e produção jornalística.

Como forma de entendimento sobre o tema, a pesquisa bibliográfica tornou-se essencial. Afinal, é a partir dela que a autora pode reconhecer o que já foi publicado sobre o assunto. De acordo com Gil (2008, p.50), a “pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Em um segundo momento utilizou-se da pesquisa documental para entender quais eram os documentos oficiais que tratavam do tema em questão. Gil (2008) afirma que este modelo é muito semelhante ao anterior, exceto pela natureza das fontes. Enquanto o primeiro modelo se utiliza das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa” (GIL, 2008, p.51). Foi graças a isso que se desenrolou o contato com as principais associações e centros para a população trans.

A pesquisa exploratória foi o norte deste trabalho. Ela foi estabelecida a partir da percepção da falta de produções acadêmicas sobre pessoas da comunidade trans no que tange à comunicação. Segundo Gil (2008, p.51) a pesquisa experimental é “de modo geral, o experimento que representa o melhor exemplo de pesquisa científica”.

Para a produção do livro-reportagem, o trabalho de apuração e pesquisa jornalística se deu a partir de dados confiáveis e verificáveis, além de fontes especializadas na temática.

O trabalho também contou com uma pesquisa exploratória, para, como explica Abel e Patah (MINDMINERS, 2017)⁴, “preencher as lacunas que costumam aparecer em um estudo. Por isso, também recebe o nome de estudo exploratório”. Lacunas essas que foram vistas ao longo das pesquisas citadas anteriormente.

Para tanto, a finalidade de utilizar a exploração como método mais viável para este trabalho deve-se ao fato de que, com esse método é possível identificar os discursos proferidos pela mídia sobre a população trans.

4 Artigo de Carol Abel e Rodrigo Patah. <<https://mindminers.com/blog/o-que-e-pesquisa-exploratoria/>>.

Ainda segundo os autores, é possível realizar uma pesquisa exploratória através de métodos qualitativos. Tomando como base o artigo, para este material serão realizadas algumas entrevistas em profundidade, as quais “o entrevistador possui um roteiro pré-definido, porém a sequência da conversa vai sendo definida de acordo com as respostas do entrevistado” (ABEL; PATAH, MINDMINERS, 2017). Além disso, utilizou-se também técnicas de observação para entender melhor como a representatividade midiática se dá na vida dessas pessoas.

Em uma segunda etapa do projeto, foi realizado um levantamento das pessoas que têm ou tiveram alguma notoriedade no ambiente da comunicação. Ou seja, foi a realização de um mapeamento das pessoas da comunidade que tomaram certa notoriedade na mídia. Toma-se como exemplo as vivências do Thammy Miranda, da Nany People, da Roberta Close, da Laerte, da Ariadna Arantes entre outros.

Após realizada essa etapa, o trabalho voltou-se para a representatividade midiática atual. Para dar dimensão ao que se pode encontrar de matérias jornalísticas sobre a população trans, foi realizada uma pesquisa empírica. Desta forma, a partir da utilização da palavra-chave “travesti” foi realizada uma busca na plataforma Google. A partir da seleção de notícias elencadas pela plataforma, foi feita uma análise, levando em conta a imagem, a editoria e, claro, o conteúdo de cada reportagem.

A pesquisa foi realizada no dia 13 de março de 2021. É preciso salientar que para tal levantamento, levou-se em consideração os algoritmos da plataforma, bem como a randomização das notícias no buscador - o qual considera mais de 200 fatores para ranquear conteúdo aos usuários (AVIS, 2019, p.91).

Entretanto, é fundamental destacar que, por haver muitos critérios de ranqueamento, o próprio Google pode trazer outros conteúdos em dias diferentes ou para usuários diferentes. Isso significa que, talvez, os resultados obtidos podem não aparecer na busca de outras pessoas.

2.1 COLETA DE DADOS DA PESQUISA

Após o levantamento, os resultados obtidos foram separados em grupos: travesti, transexual e não-binário. A partir desta divisão as matérias foram separadas por notícias que respeitaram a pessoa trans; as que não respeitaram; os conteúdos que não tinham ligação nenhuma com a palavra pesquisada; os conteúdos que eram restritos, ou seja, era necessário ser assinante de tal veículo; e, por fim, os links com erro.

Considerou-se uma notícia respeitosa aquela que não errava os pronomes e nem marcava a pessoa como criminosa ou anormal, bem como a imagem ilustrava o conteúdo ser desmerecer algum personagem da história.

As que não respeitaram é totalmente ao contrário. Aqui são consideradas as notícias que não utilizaram nome social ou revelaram o nome de batismo (ou nome morto) da personagem da história. Também buscou-se analisar se a imagem escolhida reforçava estereótipos e padrões pré-estabelecidos para essa comunidade.

Essas classificações foram realizadas com base no artigo publicado por Lourenço Floriani Orlandini ⁵ (2021), que descreve a representação midiática:

Se talvez seja difícil compreender o sofrimento causado pela manchete, devemos minimamente reconhecer, ainda que em um exercício de empatia, os inúmeros obstáculos pelos quais passam travestis e transexuais, numa sociedade que ainda as vê e as julga como pessoas marginalizadas, sem direitos fundamentais como o de ir e vir, o de respeito ao nome e o da cidadania plena, tão importantes num país que se diz democrático. Depois de uma vida de batalhas, uma mulher transexual assassinada ser designada como homem ao final de sua trajetória é certamente um ato de violência, que representa (e sepulta) toda a dignidade pela qual lutou e lhe foi negada durante uma vida. (ORLANDINI, 2021, COLETIVA.NET)

Para além disso, o autor ainda acrescenta que mulheres e homens trans não devem aparecer “apenas na seção de violência dos diários locais”, e que ainda é muito comum “o tratamento inadequado conferido por alguns veículos de comunicação às pessoas trans, mesmo nos seus momentos derradeiros” (ORLANDINI, COLETIVA.NET, 2021).

Vale ressaltar também que foram analisadas notícias com base na definição do termo. König (2019) considera notícia um relato simples e direto que seja publicado na imprensa. Ela “apenas informa por meio de um texto neutro, isento de opiniões, e demonstra somente os fatos, por não se aprofundar na análise dos acontecimentos. Na maioria dos casos, a notícia não permite um texto original ou criativo” (KÖNIG, 2019, 49).

O autor destaca ainda quais são os principais critérios de noticiabilidade, ou seja, o que realmente faz um fato se tornar notícia. Citando Wolf e Traquina (2008), König (2019, p. 72), sintetiza os critérios de noticiabilidade em: morte, notoriedade, proximidade, relevância, tempo, inesperado, novidade, notabilidade, infração e conflito.

5 Artigo de Lourenço Floriani Orlandini. <<https://www.coletiva.net/artigos-home/visibilidade-trans-o-desafio-de-ser-reconhecido-a-pela-imprensa-.385064.jhtml>>.

Há também a definição de gancho jornalístico, que é um “jargão usado no jornalismo para determinar qual informação merece mais destaque em uma matéria, é o que justifica o texto jornalístico, não importa o meio em que será veiculado”. (KÖNIG, 2019, p.55)

O gancho deve ser apresentado ao leitor logo no primeiro parágrafo de uma matéria. É o que chamamos de lead (ou lide, na forma aportuguesada). Este, por sua vez, “tem por objetivo introduzir o leitor no texto e despertar seu interesse logo nas primeiras linhas”. (KÖNIG, 2019, p.59). Vale lembrar que o lide começa respondendo seis perguntas principais: Quem? O quê? Quando? Como? Onde? Por quê?.

2.2 RESULTADOS

Foram 289 links abertos e analisados. Este montante foi dividido na busca de três palavras-chave: transexual, travesti e não-binário. O primeiro termo resultou 95 links abertos. Já o segundo e o terceiro marcaram 97 links cada um.

Para as três palavras-chave pesquisadas, a grande maioria das notícias respeitaram as pessoas trans inseridas na narrativa. Para o termo “transexual” foram 78,95% das notícias que atenderam aos critérios de noticiabilidade, bem como a escrita jornalística, sem desmerecer a vivência trans. Já o termo “travesti” contabilizou 72,16% de conteúdos respeitosos. Por fim, “não-binário” foram 74,23% das notícias que respeitaram a comunidade.

A taxa de desrespeito por parte dos jornalistas com tal população foi baixa. Para o termo “travesti” 13,40% se enquadram nesta categoria. “Não-binário” marcou apenas 7,22% de notícias que não respeitaram. E o termo “transexual” não apresentou nenhuma notícia de desrespeito, todas trataram a pessoa transexual como os (as) cidadãos (as) que são.

Entretanto, o que mais chamou a atenção são as editorias escolhidas para essas matérias. Antes de entrarmos nos dados propriamente ditos, é preciso reforçar o que foi considerado para a escolha dessas categorias.

Considerando que cada veículo pode nomear suas editorias de um jeito, e que cada um pode escolher o que decide cobrir, para dar uniformidade ao trabalho foram criadas grandes editorias. Elas visam segmentar notícias que poderiam ser publicadas no mesmo espaço, por mais que elas originalmente estejam em lugares distintos. Muitos dos conteúdos coletados poderiam entrar em mais de uma dessas categorias, porém, prevaleceu a que possuía mais afinidade com o tema. As editorias criadas para

classificar o material deste projeto foram: Direitos, Entretenimento, Estudo, Personalidades, Policial, Saúde, Sociedade e Trabalho.

A primeira diz respeito a qualquer iniciativa jurídica, eleições ou discussões no âmbito político. Entretenimento é a categoria que se enquadram as notícias de diversão, jogos ou demais informações que não se encaixam no quesito *hard news*, ou seja, a notícia em tempo real, quente. Estudo é a editoria escolhida para divulgação de concursos públicos ou bolsas de estudos especificamente para pessoas trans. Personalidades ficam a cargo de figuras importantes, considera-se aqui famosos ou personalidades da comunidade. Policial é a editoria que classificou notícias de morte, agressão, perseguição, briga e apreensões. Saúde é qualquer tema que ajude ou informe a pessoa não-cisgênero sobre os processos médicos que ela pode ter acesso. Sociedade é a editoria cuja finalidade é elencar notícias que tenham impacto social. E, por fim, Trabalho diz respeito sobre vagas de emprego e demais situações trabalhistas.

Isso posto, podemos dizer que para o termo de busca “transexual” 32% das notícias abertas são da editoria de Direitos. Para o termo “não-binário”, a editoria de Personalidade marcou 39,24% dos conteúdos. Entretanto, quando buscamos no Google por “travesti” ela ainda permanece, em sua grande maioria, na editoria Policial (60,24%).

Figura 01: GRÁFICO DE NOTÍCIAS RESPEITOSAS

Notícias que respeitaram

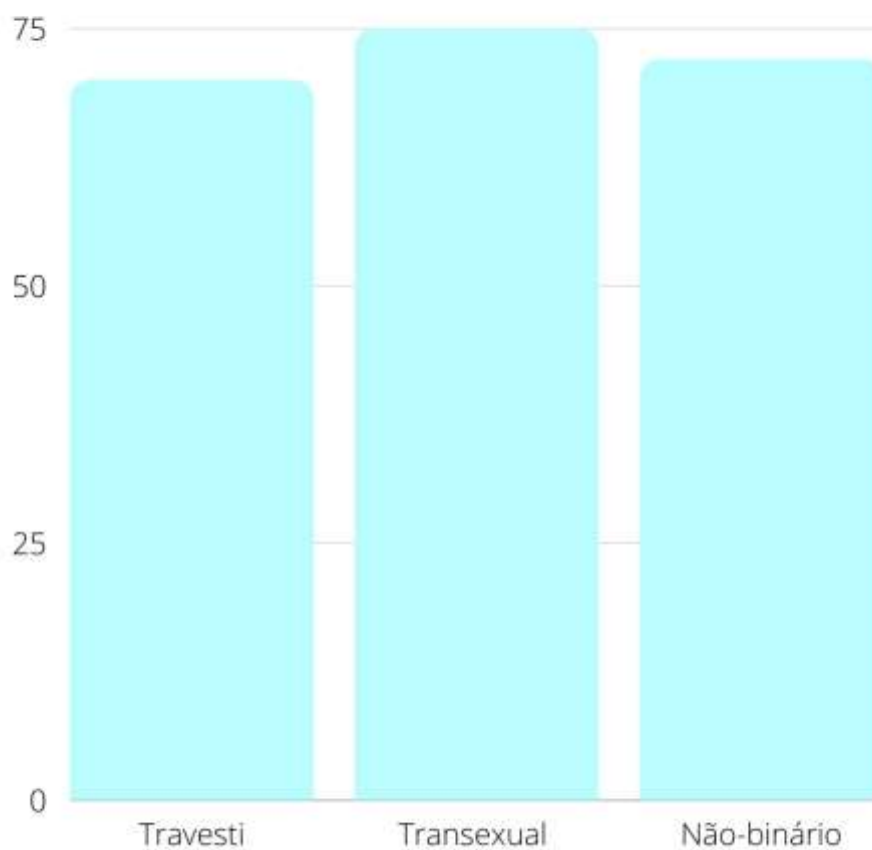


Gráfico que ilustra o quanto cada notícia, em sua respectiva editoria, foi respeitosa com a pessoa trans
Fonte: Pesquisa da autora.

Figura 02: GRÁFICO DE NOTÍCIAS NÃO RESPEITOSAS

Notícias que não respeitaram

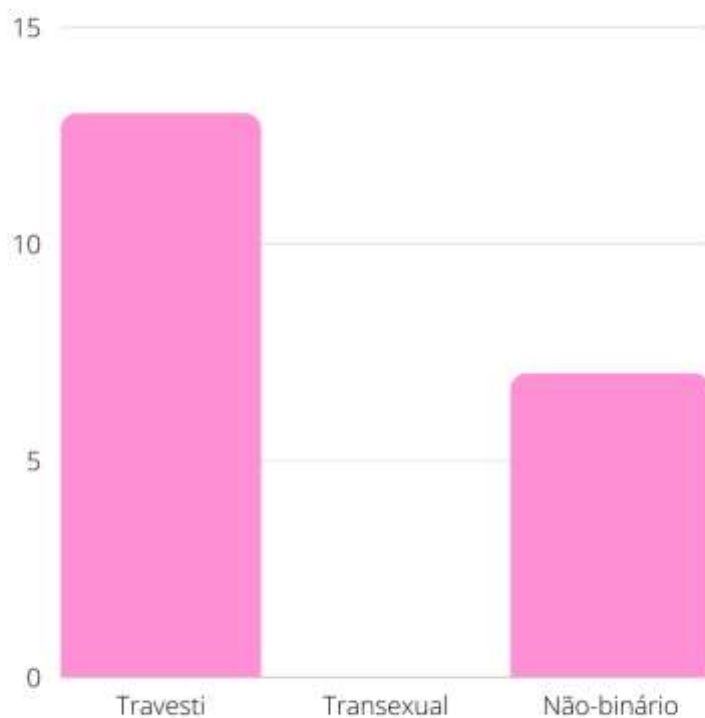


Gráfico que ilustra as notícias que não respeitaram a pessoa trans
Fonte: Pesquisa da autora.

Figura 03: LEVANTAMENTO DAS EDITORIAS POR GRUPOS DE PESQUISA



Gráficos que revelam quais foram as editorais mais comentadas de acordo com cada grupo pesquisado
 Fonte: Pesquisa da autora.

Em uma análise exploratória e subjetiva de todo o material coletado, percebe-se que o termo transexual é utilizado em matérias que respeitam a comunidade T. Os jornalistas possuem o mínimo de conhecimento das diversas identidades e procuram respeitar a todas elas. As imagens são condizentes com os princípios da ética jornalística, bem como complementam o conteúdo que vem na sequência.

Já o termo travesti ainda é utilizado como palavra pejorativa, ou seja, o intuito é desmerecer o (a) personagem trans que está inserido (a) na narrativa jornalística. Por muitas vezes, o nome social de uma travesti antecede artigos masculinos e, na sequência, revelam seu nome morto - nome de batismo com o qual a pessoa pode ou não se reconhecer. Há ainda o fator imagético. As imagens escolhidas para ilustrar o conteúdo reforçam a ideia de que toda travesti é profissional do sexo, bandida e extremamente perigosa.

Quando partimos para uma análise da não-binariedade em notícias, vemos que a falta de entendimento e pautas mais aprofundadas sobre o assunto são os dois fatores de peso nesta categoria. Não é à toa que a maioria caiu na editoria de Personalidade. O que aparece nos jornais é que algum (a) famoso (a) se identificou enquanto uma pessoa não-binária, como foi o caso do cantor britânico Sam Smith que ganhou destaque por sua identidade nas páginas de notícias. Entretanto, isso não quer dizer que o jornalista tinha pleno conhecimento do assunto. Logo, apesar de cumprirem com os requisitos básicos de uma notícia, ainda sim eram conteúdos superficiais.

É justamente por problemas como esses na cobertura jornalística que torna-se cada vez mais necessário trabalhos que abordem essa temática, principalmente dentro da área do jornalismo. E o livro “Vozes Da Representatividade – Um Livro-Reportagem Sobre A Comunidade Trans No Brasil” pode contribuir nesse quesito também.

3 TRANSGENERIDADE E IDENTIDADES

Dentro desse assunto, acredita-se que seja relevante possuímos a diferenciação de outros termos recorrentes nesse debate. Começamos pela identidade de gênero. De acordo com Jesus, esse termo é denominado como o “gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa.” (JESUS, 2012, p. 24). Entende-se que essa é outra palavra que mereça ser destacada:

a sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e poder. (FOUCAULT, 1988, p. 100).

A psicanalista Leticia Lanz traz outra interpretação para a afirmação de Foucault:

Se o dispositivo de gênero fosse capaz de legitimar toda e qualquer identidade de gênero – e não apenas o binário homem/mulher ou masculino/feminino – ou se, no melhor dos mundos, esse dispositivo deixasse de existir – as transgressões de gênero naturalmente também desapareceriam e ninguém seria mais classificado como transgênero ou gênero-divergente. Afinal, é a norma que cria a infração da norma; se a norma é extinta, deixa de haver infração. (LANZ, 2014, p. 24).

Lanz acredita que o termo transgênero não quer dizer uma pessoa ‘mais afetada’, muito menos uma patologia. Nem mais uma categoria para uma identidade gênero-divergente, “mas um termo ‘guarda-chuva’, que reúne debaixo de si todas as identidades gênero-divergentes, ou seja, identidades que, de alguma forma e em algum grau, descumprem, violam, ferem e/ou afrontam o dispositivo binário de gênero” (2014, p. 24).

Judith Butler (2000, p.154), por sua vez, aborda a questão da materialidade dos corpos e a performatividade de gênero. O primeiro a autora explica que não é apenas um fato ou condição do corpo, “mas um processo pelo qual as normas regulatórias materializam o ‘sexo’ e produzem essa materialização através de uma reiteração forçada destas normas”.

Em relação a performatividade de gênero, Butler (1993, p.2) compreende “não como um ‘ato’ singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia”.

E por falar em discurso, a autora entende que a sexualidade é construída a partir do que falamos sobre ela. Em outras palavras, o sexo não é simplesmente aquilo que alguém tem ou aquilo que alguém é: “ele é uma das normas pelas quais o ‘alguém’

simplesmente se torna viável, é aquilo que qualifica um corpo para a vida no interior do domínio da inteligibilidade cultural” (BUTLER, 2000, p.2).

Guacira Lopes Louro et al (2013) descrevem a relação do corpo com o discurso de maneira bem explicativa. Os autores ressaltam que não são as semelhanças biológicas que definem esses corpos, mas os significados culturais e sociais que lhes são atribuídos:

Não é portanto algo dado *a priori* nem mesmo é universal: o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz. (LOURO et al, 2013, p. 30).

Após essa breve apresentação dos termos, destacam-se os tipos de livros-reportagem encontrados sobre o tema. Em primeiro lugar está o livro-reportagem tipo textual, o qual considera-se apenas o texto como único atrativo para prender o leitor na história, como é o caso do livro “Transresistência: história de pessoas trans no mercado formal de trabalho”, de Caetano Vasconcelos.

Outro tipo bastante recorrente é o livro-reportagem documental. Um exemplo são os relatos do livro “Vidas Trans” de Amara Moira, João W. Nery, Márcia Rocha e T. Brant. Assim como a obra “O nascimento de Joicy”, escrito por Fabiana Moraes e ganhador do Prêmio Esso. Ao longo da narrativa, podemos ver algumas imagens da personagem e da sua casa, espaço importante na história. Isso, além de dar um rosto para aquela mulher, dá dimensão das condições em que ela vive.

3.1 IDENTIDADE E SEXUALIDADE

Ao trabalhar questões de identidade de gênero e sexualidade, faz-se necessário olhar para dentro do movimento LGBT. Basta uma breve análise das siglas do movimento para perceber certa incongruência, se é que podemos chamar assim. Quando olhamos para as siglas:

- L(ésbica), G(ay) e B(issexual) elas dizem respeito a sexualidade, ou seja, uma parte da população que não escolhe a heterossexualidade. Pessoas as quais se sentem atraídas afetivo e sexualmente pelo mesmo sexo ou por ambos.

Já para a letra “T” do movimento entende-se que são:

- Travestis, Transexuais e/ou Transgenêros. E esta categoria trata sobre identidade de gênero, ou seja, “se referem ao modo de agir orientado pelo desejo, experimentando papéis masculinos e femininos ou ambos, não estando a categoria de gênero reduzida a genitália (pênis ou vagina)”. (SARAIVA, 2014, p.52). Logo, existem pessoas trans que são heterossexuais, ou seja, sentem-se atraídos afetivo e sexualmente pelo sexo oposto.

Saraiva (2014, p.52) ainda afirma em seu artigo que a população LGBT pode ser analisada por estes dois ângulos, e que na segunda parte, mais especificamente a última letra (T), rompe com os padrões do sexo. Isso acaba criando “roupagens sociais, transitando-se no interior da lógica binária (homem/pênis e mulher/vagina) com diversidade de orientações”.

3.2 ANÁLISE MIDIÁTICA

Como foi exposto anteriormente, foi levantado pela autora as notícias ranqueadas pelo Google com as palavras-chave “travesti”, “transexual” e “não-binário”. A partir desses dados foi possível trazer um olhar semiótico sobre as imagens veiculadas com tais publicações, sejam elas respeitadas ou não com a comunidade trans. A ideia central dessa análise era buscar entender a construção da notícia como um todo, ou seja, além da produção textual. Essas informações estão sendo publicadas em qual editoria do jornal/revista? As imagens condenam a pessoa trans? Qual foi o tamanho destinado para passar essa informação: uma página ou alguns parágrafos?

Semiótica aqui é entendido a partir da definição de Lúcia Santaella (s.d, p.13), a qual a considera “a ciência que tem por objetivo o exame dos modos de constituição de todo e qualquer fenômeno como fenômeno de produção de significação e de sentido”.

Louro et al (2013) já explicitaram que “filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são também locais pedagógicos que estão, o tempo todo, a dizer de nós, seja pelo que exibem ou pelo que ocultam”. Os autores ainda acrescentam que esse dizer dos corpos acontece de maneira tão sutil, “que nem mesmo percebemos o quanto somos capturadas/os e produzidas/os pelo que lá se diz” (2013, p.31).

Ora, é disso que a pesquisa se valeu. Se a comunicação, como um todo, tem esse caráter pedagógico, as notícias e campanhas veiculadas, se não estão cientes das demandas do movimento trans, por exemplo, reforçam um padrão preconceituoso e já enraizado na sociedade heteronormativa. Por isso, o grande objetivo deste material é

entender como a mídia aborda os corpos que são classificados como não-comuns, mais especificamente a população transgênero, travesti, transexual e não-binária.

A teórica Judith Butler (2011) exemplifica como a mídia exerce a criação de rostos marcados, em outras palavras, rostos desta população não condizente com o “normal”:

Talvez tenhamos que pensar sobre as diferentes maneiras em que a violência pode acontecer: uma é precisamente *por meio* da produção do rosto, o rosto de Osama bin Laden, o rosto de Yasser Arafat, o rosto de Saddam Hussein. O que foi feito com esses rostos pela mídia? Eles estão enquadrados, certamente, mas também estão jogando com esta moldura e atuando para ela. O resultado disso é invariavelmente tendencioso. (BUTLER, 2011, p. 24).

Sara Salih (2016), ao explicar minuciosamente os conceitos de Butler, afirma que parte do projeto político da autora está traçado em rastrear os limites da inteligibilidade discursiva, de modo que possa voltar os olhos para as identidades de corpos que “pesam” e aqueles que “não pesam” (2016, p.105).

Segundo Salih (2016), Butler argumenta que as “identidades sexuadas são assumidas através da rejeição e exclusão” das identidades ditas não heterossexuais, ou seja, as que “não pesam”.

E aqui cabe um questionamento pertinente: quais corpos realmente pesam/importam? Certamente, o corpo travesti morto com requintes de crueldade, no qual só lhe cabe as editorias policiais dentro do jornalismo, não entra nesta categoria.

4 FUNÇÃO DO JORNALISMO

No contexto deste trabalho se faz importante salientar a função social do jornalismo e como sua vertente de direitos humanos ajuda na construção deste material.

Sendo o jornalismo um importante espaço de visibilidade, a pesquisadora Rousiley Maia (2008, p.91) acredita que é “através dos media, que as questões e causas de atores cívicos podem alcançar uma audiência muito mais ampla do que seria possível mediante ações diretas”.

Alberto Dines (1986) acrescenta ainda que o “que faz a verdadeira prosperidade é o nível de informação que circula no país, os padrões de comunicação que ali imperam”. Ou seja, se este padrão de comunicação está entrando em uma categoria arcaica, não faz mais sentido ele ser dominante. Isso significa que é preciso pôr em debate o fazer diário jornalístico, ou seja, questionar se este molde é adequado para tratar as minorias vigentes na sociedade atual.

Já em relação ao segundo tema, apresenta-se os Princípios de Yogyakarta (2006) o qual discorre sobre os direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero. Seu primeiro princípio diz sobre a igualdade à dignidade e direitos que todo ser humano possui. O item c) do documento deixa claro que faz-se necessário termos “programas de educação e conscientização para promover e aprimorar o gozo pleno de todos os direitos humanos por todas as pessoas, não importando sua orientação sexual ou identidade de gênero” (2006, p.12).

Isto posto, acredita-se que este trabalho, ao ouvir a tão silenciada população trans, trará um debate sadio para o jornalismo a fim de questionar as práticas diárias da profissão.

4.1 LIVRO-REPORTAGEM

O produto deste trabalho é um livro-reportagem. O formato foi escolhido porque compreende que ele “consegue informar, envolver e, até mesmo, entreter o público, através da leitura de um fato verdadeiro, num ambiente propício a experimentações e possibilidades narrativas diversas” (OLIVEIRA, 2006, p.5).

De acordo com o Eduardo Belo (2006, p.41), podemos entender livro-reportagem como um “instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características, não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos”.

Outrossim, acredita-se que seja importante dar destaque para os variados tipos de livros-reportagem existentes. Abaixo estará uma tabela adaptada de Lima (2009) para a melhor exemplificação deste item:

Tabela 01: TIPOS DE LIVROS-REPORTAGENS

LIVROS-REPORTAGEM E SUAS DEFINIÇÕES	
Livro-reportagem-perfil	Procura deixar em evidência o lado humano de uma personalidade pública ou anônima, que por algum motivo representa um determinado grupo social.
Livro-reportagem-depoimento	Reconstitui um acontecimento pertinente, levando em consideração a visão de um participante ou de uma testemunha do episódio.
Livro-reportagem-retrato	Procura traçar o retrato de uma determinada ação ou ocorrido em uma região geográfica, um setor da sociedade ou um segmento da atividade econômica.
Livro-reportagem-ciência	Serve ao propósito de divulgação científica, geralmente em torno de um tema específico.
Livro-reportagem-ambiente	Vincula-se aos interesses ambientalistas, às causas ecológicas.
Livro-reportagem-história	Reconstitui um acontecimento pertinente, levando em consideração a visão de um participante ou de uma testemunha do episódio.
Livro-reportagem-nova-consciência	Focaliza temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas que surgem em várias partes do mundo
Livro-reportagem-instantâneo	Debruça-se sobre um fato recém-concluído, cujos contornos finais já podem ser identificados
Livro-reportagem-atualidade	Seleciona temas atuais cheios de maior perenidade no tempo, mas com desdobramentos finais ainda não conhecidos.
Livro-reportagem-antologia	Cumpra a tarefa de reunir reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas.
Livro-reportagem-denúncia	Com propósito investigativo, esse tipo de livro apela para o clamor contra as injustiças, os desmandos do governo, abusos de entidades privadas, etc.
Livro-reportagem-ensaio	Tem a presença do autor e de suas opiniões sobre o tema, muito evidenciada
Livro-reportagem-viajem	Apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica.

Fonte: Adaptado de Lima (2009).

O presente material pode ser classificado como um livro-reportagem-atualidade e como livro-reportagem-perfil. Ao considerar que a situação da população trans se encaixa na denominação de temas que são cheios de maior perenidade no tempo, mas possuem desdobramentos finais ainda não conhecidos.

4.2 JORNALISMO DE PROFUNDIDADE

Livro-reportagem tem uma ligação estreita com outra concepção jornalística: a de profundidade, que é mais crítica e analítica. Por essa razão, este tipo de produção “revela-se como o instrumento mais rico da profissão, pois todos os principais ofícios podem ser explorados (BELO, 2006, p.41).

Um exemplo de obra construída com essas premissas é “O nascimento de Joicy” (2017). Escrito pela jornalista Fabiana Moraes, o livro conta a história de uma mulher trans que buscou pela cirurgia de redesignação sexual pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Além do trabalho de pesquisa em campo, acompanhando a rotina da personagem, Fabiana compilou informações de diversas outras fontes, o que deixou a narrativa ainda mais rica.

Fabiana, por exemplo, utilizou uma técnica descrita por Bittencourt et al (2019) como entrevista de campo. Segundo os autores, a entrevista de campo é “realizada fora de um ambiente formal, podendo ser uma residência, em via pública ou em locais de crime”, (2019, p.76). Outro item importante é a entrevista não velada que, “ocorre com a identificação do entrevistador e a ciência do entrevistado sobre a entrevista” (Bittencourt, 2019, p.77).

De maneira sintética, König (2019, p.64) entende a entrevista “como técnica de pesquisa jornalística, portanto, é o exercício de falar pouco e ouvir muito”. Para além disso, baseando-se em Edgar Morin citado por Medina, König (2019, p.67) mostra quatro tipos de entrevistas: entrevista-rito, entrevista anedótica, entrevista-diálogo e neoconfissões. O presente trabalho se enquadra na categoria entrevista-diálogo por ser “mais que uma conversa mundana, entrevistado e entrevistador buscam trazer à tona uma verdade que diga respeito ao entrevistado ou a um problema”.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O livro-reportagem carrega o título de “Vozes Da Representatividade – Um Livro-Reportagem Sobre A Comunidade Trans No Brasil” visando, justamente, a presença da comunidade T no jornalismo.

Em um primeiro momento, fora pensado em trazer a transmidialidade à tona com a presença de Qr-Codes, que levariam para as redes sociais e plataformas criadas especificamente para este trabalho. Entretanto, após conversas entre orientanda e orientadora, foi decidido que o texto é o principal meio de informação de um jornalista. Logo, este deveria estar bem construído para, aí sim, partir para uma outra veia da profissão. E, como o período da produção era relativamente curto, o texto foi priorizado e a ideia de transcender o meio original ficou adormecida.

A obra foi construída visando a mescla entre dados e histórias de vida. Por acompanhar a comunidade trans desde 2019, ano em que a autora entrou para o Projeto de Iniciação Científica de gênero e sexualidade da Uninter, coordenado pela Professora Dra. Máira Nunes, havia disponíveis uma série de dados e informações relevantes compiladas e prontas para usar.

Como forma de segmentar o trabalho, a ideia inicial era realizar todo o levantamento e entrevistas regionalmente, ou seja, abrangendo apenas a cidade de Curitiba/PR. Entretanto, por conta da pandemia do novo coronavírus, muitas instituições da capital estavam fechadas e o contato foi apenas por telefone.

A dificuldade de sair à rua possibilitou que a autora pudesse abranger as histórias para todo o território nacional, considerando que no mundo digital não há barreiras geográficas. Além de entrevistas por telefone, foram utilizadas plataformas de videoconferência e aplicativos de conversas como o WhatsApp.

Por mais que tivesse material para começar, a fala de especialistas era fundamental para traduzir tudo aquilo. Foi pensando nisso que a psicóloga Grazielle Tagliamento, a qual foi uma das fundadoras do Centro de Pesquisa e Atendimento a Travestis e Transexuais (CPATT) e do Centro de Excelência em Gêneros e Sexualidades (Ceges) em Curitiba, foi consultada. Além dela, debateu-se com a advogada especialista em direitos LGBTQ+, Bruna Santana, com o objetivo de entender como estava a situação jurídica dessa população.

E, afim de contar histórias de personagens que vivem a realidade da comunidade, buscou-se pessoas que gostariam de compartilhar suas vivências. Sobre isso, haviam algumas dificuldades no começo. A comunidade é muito fechada. Ou seja, por conta da autora ser uma mulher cisgênero muitas pessoas se recusavam em passar informações

ou conversarem sobre os primórdios do movimento. Alguns convidados a participar do livro solicitaram remuneração em dinheiro e, por essa questão, não foram incluídos na obra. Outros influenciadores da comunidade apenas não respondiam.

Além desses fatores, o período era crítico. A pandemia de coronavírus impossibilitou que a autora fizesse visitas presenciais às associações e instituições da comunidade em Curitiba. Para entender como funcionava o CPATT, por exemplo, foram duas horas de conversa por telefone com uma das funcionárias.

Quando a diretora da área trans do Grupo Dignidade em Curitiba, Caroline da Silva, aceitou conversar sobre sua vida, ela mesma sugeriu sua casa como cenário. E esta foi a primeira personagem do livro

Por conta de a autora querer registrar a entrevista em vídeo, era necessário a presença de um cinegrafista. E foi aí que Evandro Tosin, egresso de Jornalismo da Uninter e amigo da autora, se dispôs a ajudar. Vale ressaltar que devido ao período crítico em que passávamos, todos seguiram os protocolos de segurança estipulados pelas organizações de saúde.

Depois de conversar com a Carol, a busca por encontrar mais personagens continuou. Foi quando aconteceu o programa Roda Viva, no dia 01 de fevereiro de 2021, com a presença de Caetano Vasconcelos, ao lado de profissionais como a jornalista Vera Magalhães, a repórter Vitória Régia da Silva e a escritora Helena Vieira. Por também ter construído um Trabalho de Conclusão de Curso com a mesma temática e para o mesmo curso, entendeu-se que haveria certa compatibilidade na conversa. E assim foi.

Caetano foi muito solícito ao longo de toda a produção. A conversa teve que ser gravada via videoconferência pela plataforma Google Meet, tanto por conta da pandemia, quanto pela distância geográfica. Sua presença foi fundamental para discutir, entre outras coisas, a invisibilidade do homem trans.

Por fim, a conversa se deu com Linda Brasil. A vereadora de Sergipe pelo PSOL – Partido Socialismo e Liberdade – era muito presente nas redes sociais e tinha assessores de imprensa, o que, imaginou-se, poderia também ser uma ótima alternativa para o bate-papo fluir. Em pouco tempo, a terceira personagem do livro começou a tomar forma.

Depois da transcrição de todas as entrevistas, percebeu-se que o conjunto das histórias era muito forte. Uma mulher que ainda estava na prostituição, um rapaz que ainda estava com medo de usar o banheiro e uma senhora, que rompeu com o padrão determinado e foi a mais bem votada de sua cidade. Quando percebeu-se que o trabalho

poderia ser feito em cima disso, a fase da escrita começou. Vale ressaltar que todas as pessoas consultadas assinaram um termo de autorização de uso de imagem e voz.

Considerando esses apontamentos, na sequência, veio a estruturação do livro-reportagem. A obra foi dividida da seguinte forma:

- Capítulo de Introdução

Nesta parte da obra é apresentada uma reportagem sobre o contexto da comunidade trans no Brasil, com todos os dados coletados e as entrevistas das especialistas. A ideia é contextualizar a realidade da comunidade e o porquê precisamos falar sobre esse tema.

- Capítulo da Caroline Felisbino da Silva – profissional do sexo

Os capítulos dos personagens começaram com a história da Carol, pois durante a conversa presencial com a autora, foram absorvidos detalhes sutis, como a decoração de sua bela casa. E isso, conseqüentemente, deu mais subsídios para criar uma história interessante.

- Capítulo do Caetano Andrade de Vasconcelos – jornalista

Caetano é o personagem que conta a história sobre ser um homem trans. Ele foi escolhido para ficar entre as duas mulheres, justamente para evidenciar este contraste das múltiplas vivências trans.

- Capítulo da Linda Brasil Azevedo Santos – vereadora em Aracaju (SE)

A obra finaliza com a história da Linda por conta da sua representatividade na política e sua luta para chegar até lá. Ela também possui experiência internacional, o que, de certa forma, consegue projetar como é a vivência de uma pessoa trans em outros países. Linda também é a mais velha entre os três personagens, o que também é fator de relevância devido ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2019, revelar que, enquanto um brasileiro cisgênero chega a viver em média 76 anos, este número não ultrapassa os 35 anos para uma pessoa transgênero.

Como ao contar uma história, um item ou outro podem escapar da memória, após a escrita e correção da orientadora, a autora entrou em contato com os entrevistados

mais algumas vezes para tirar algumas dúvidas. A maioria das interações pós-entrevista foram realizadas via WhatsApp.

A orientação do presente trabalho se deu, em um primeiro momento, pela Prof^a. Dra. Máira de Souza Nunes durante a fase de qualificação. Para a reta final a Prof^a. Dra. Karine Moura Vieira foi escolhida por ter formação em jornalismo, o que acrescentou muito no conhecimento jornalístico do trabalho.

5.1 DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO TEXTUAL

Durante a escrita do conteúdo, buscou-se alguém que trabalhasse com diagramação e revisão textual. A ideia era terceirizar essas funções para que a autora destinasse seus esforços, exclusivamente, a produção dos textos. Foi aí que a jornalista Jaqueline Deina ficou responsável pela revisão textual, juntamente com a orientadora Prof^a Dr^a. Karine Moura Vieira. Já Débora Marquesi desenvolveu o design editorial.

Este último é carregado de representações importantes para a narrativa. Após conversar com a autora, Débora projetou a paleta de cores do livro conforme a bandeira trans: azul, branca e rosa. Além disso, entendendo que o projeto falava da vivência de pessoas trans no geral, há alguns tons de preto, que é a cor destinada à bandeira direcionada às pessoas negras. Isso significa que a interseccionalidade também está presente nesta etapa de produção. Entende-se aqui interseccionalidade como sendo uma “categoria teórica que focaliza múltiplos sistemas de opressão, em particular, articulando raça, gênero e classe” (SOUZA, JUSTIFICANDO, 2019).

Em uma das reuniões quinzenais com a autora, foram levados em consideração o tempo da produção do projeto e as maiores possibilidades de interação. Com isso, o formato escolhido foi o e-book. Percebeu-se que para uma melhor experiência do leitor, o formato full HD (1920x1080) era o ideal. Por ocupar toda a tela de um computador, simulando uma folha A4 na horizontal, as interações projetadas para o livro-reportagem seriam mais proveitosas. Sem contar que o maior espaço na tela auxiliaria na melhor, e mais livre, distribuição das imagens. Para que isso tudo seja representado da melhor forma, a plataforma Issuu foi a escolhida para a divulgação do material.

As interações com o digital acontecem por meio de hiperlinks, os quais revelam a fonte de informação consultada.

A diagramadora apostou em um design minimalista, o qual considera os “respiros” (ou a parte branca da página) essencial para uma boa leitura. O que ajuda neste quesito também são as fontes escolhidas. Times New Roman para o corpo do texto e Bebas para os títulos: a primeira, por ser serifada, evita que o olho se canse durante a leitura.

Já a Bebas, principalmente em formato Bold, destaca informações que são relevantes na página. A capa descreve bem essas nuances. As cores utilizadas ajudam no destaque da obra, bem como a mescla entre as fontes distingue o material dos demais.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho foi desenvolver um livro-reportagem sobre a comunidade trans e a representatividade de pessoas em não conformidade com o gênero de nascimento dentro da sociedade. Afinal, essa parcela da população ainda é vítima de violência e preconceito diários e isso acaba, no geral, mantendo-as afastadas de vários setores sociais por puro preconceito com sua identidade de gênero.

Esse fator, como vimos, foi sendo construído e reforçado ao longo dos anos e nos levou a triste marca de ser um dos países que mais matam travestis e transexuais no mundo. Segundo dados do último levantamento da Transgender Europe (TGEU) ⁶, o Brasil foi considerado o país que mais matou pessoas trans, entre janeiro de 2008 e abril de 2016. Os temas abordados neste trabalho revelam, de forma ampla, o quanto essas pessoas sofrem apenas por serem quem são.

A produção de um livro-reportagem-atualidade e com a produção de perfis tem como objetivo provocar uma reflexão dos comunicadores sobre essa representatividade midiática. Considerando que o jornalismo também tem seu viés educativo, acredita-se que o campo pode contribuir para mudar esse cenário, causando uma transformação positiva no comportamento de muitas pessoas.

O que a população trans sofre em países como o Brasil deve ser o foco de atenção de debates e discussões, principalmente de comunicadores. Até porque ter a expectativa de vida selada bem abaixo dos demais brasileiros, não deve ser tratado como normalidade por nenhum de nós.

Tratar questões como essa faz-se necessário ainda, pois casos como o de Roberta Silva, mulher transexual que teve 40% do seu corpo queimado, passou por mais de 15 cirurgias, teve os dois braços amputados e, infelizmente, faleceu no dia 24 de junho de 2021 (CÉZAR, CARTA CAPITAL, 2021), não podem cair no esquecimento da população.

A função social do jornalismo é essencial não só para uma sociedade mais democrática e com livre direito à expressão, mas também como uma potente ferramenta na necessidade de humanização das pessoas travestis, transexuais e não-binários.

Este projeto, desde sua concepção, possibilitou a utilização e o desenvolvimento de todos os aprendizados que tive dentro da faculdade: produção de pauta, levantamento e apuração de dados, entrevistas em profundidade, organização e produção da escrita, seleção de imagens e acompanhamento da diagramação. Isso tudo

6 Dados da Transgender Europe (TGEU). <<https://transrespect.org/en/idahot-2016-tmm-update/>>.

ajudou na minha formação como jornalista e, com certeza, estará presente na minha práxis diária da profissão.

REFERÊNCIAS

ABEL, Carol; PATAH, Rodrigo. O que é pesquisa exploratória? Veja como obter insights e ideias com ela. **Mindminers**, 2017. Disponível em: <<https://mindminers.com/blog/o-que-e-pesquisa-exploratoria/>>. Acesso em: 20/10/2020.

ABJETO. In: Dermival Ribeiro Rios. **Dicionário prático da língua portuguesa**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 1998.

APPLE, Caroline. Conheça Anyky, a travesti que enfrentou a ditadura e sobreviveu a 50 anos de prostituição. **Portal R7**. 10 de julho de 2016. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/cidades/conheca-anyky-a-travesti-que-enfrentou-a-ditadura-e-sobreviveu-a-50-anos-de-prostituicao-16082016>>. Acesso em: 05/04/2021.

AVIS, Maria Carolina. **SEO de verdade**: se não está no Google, não existe. Curitiba: Intersaberes, 2019.

BENDER, Brad. Um novo programa de licenciamento para apoiar o jornalismo. **O Blog do Google Brasil**. 25, junho, 2020. Disponível em: <<https://brasil.googleblog.com/2020/06/um-programa-de-licenciamento-para.html>>. Acesso em: 30/03/2021.

BENEVIDES, Bruna G.; NOGUEIRA, Sayonara Naider Bonfim. (orgs.). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2019**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2020.

BENEVIDES, Bruna. Brasil lidera consumo de pornografia trans no mundo (e de assassinatos). **Revista Híbrida**. S.D. Disponível em: <<https://revistahibrida.com.br/2020/05/11/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>>. Acesso em: 04/04/2021.

BENEVIDES, Bruna. Em 1992, Kátia Tapety foi a primeira travesti eleita na política do Brasil. **Revista Híbrida**. S.D. Disponível em: <<https://revistahibrida.com.br/2020/09/04/em-1992-katia-tapety-foi-a-primeira-travesti-eleita-na-politica-do-brasil/>>. Acesso em: 06/04/2021.

BITTENCOURT, José Cesar de; et al. **Técnicas de entrevista e interrogatório** [livro eletrônico]. Curitiba: InterSaber, 2019.

BOBBIO, N. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOL. "A mulher mais bonita do Brasil": Nove fatos sobre Roberta Close. **Bol Uol**. 07, dezembro, 2018. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/listas/a-mulher-mais-bonita-do-brasil-fatos-sobre-roberta-close.htm>. Acesso em: 01/04/2021.

BRASIL. Casa Civil (2009). Lei nº 12.075 - Lei de combate aos crimes contra a liberdade sexual. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2009/lei/112015.htm>. Acesso em: 12/06/2021.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 16ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. Vida precária. ISSN: 2236-532X; n.1 p.13-33. **Revista Contemporânea**: Jan.-Jun. 2011.

CANÇADO, Luíza Oliveira Mascarenhas. Aspectos relevantes sobre o nome social e o direito à alteração do nome. **Blog da Aurum**. 18, setembro, 2020. Disponível em: <<https://www.aurum.com.br/blog/nome-social/>>. Acesso em: 05/04/2021.

CARDOSO, Pedro. Para que serve o Google Notícias? Veja seis dicas para usar a ferramenta. **TechTudo**. 21, dezembro, 2020. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/listas/2020/12/para-que-serve-o-google-noticias-veja-seis-dicas-para-usar-a-ferramenta.ghtml>>. Acesso em: 30/03/2021.

CÉSAR, Caio. Morre Roberta da Silva, mulher trans que teve 40% do corpo queimado. **Carta Capital**. 09, julho, 2021. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/cartaexpressa/morre-roberta-da-silva-mulher-trans-que-teve-40-do-corpo-queimado/>>. Acesso em: 10/07/2021.

CORPO: sua autobiografia. Direção de Cibele Appes. São Paulo: Sesc Pompeia, 2020. Documentário (41'17"). Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=nEx6s7b4a9U&list=PLHZVjH7YRAeailM8fi54yWAvknbUb1wxS&index=3>>. Acesso em: 03/03/2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. 1ª edição. São Paulo: Boitempo, 2016.

Dicas profissionais do sexo - <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/04/dica-profissionais-do-sexo-covid19-antra.pdf>

DINES, Alberto. **O papel do jornal**. São Paulo: Summus, 1986.

DISCLOSURE. Direção: Sam Feder. Produção de Sam Feder e Amy Scholder. Estados Unidos da América: Netflix, 2020

DORES de amor. Direção de Pierre-Alain Meier e Matthias Kälin. Suíço-brasileiro: Amidon Paterson Film Genève e Jurg Muller Film São Paulo, 1988. Documentário(58'36"). Disponível em:<<https://www.youtube.com/watch?v=l7eO00w5g9o&list=PLHZVjH7YRAeailM8fi54yWAvknbUb1wxS&index=26&t=337s>>. Acesso em: 03/03/2021.

DUTRA, Daniel. O que é URL? Entenda o endereço de sites mobile e portais da Internet. **TechTudo**. 29, fevereiro de 2020. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2020/02/o-que-e-url-entenda-o-endereco-de-sites-mobile-e-portais-da-internet.ghml>>. Acesso em: 30/03/2021.

ECO, Umberto. **O nome da rosa**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ELUF, Luiza Nagib. A evolução legislativa na criminalização das casas de prostituição. **Consultor Jurídico**. São Paulo, 22 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.conjur.com.br/2020-jul-22/escritos-mulher-casas-prostituicao#:~:text=In%20verbis%3A,a%205%20anos%20e%20multa%22>>. Acesso em: 13/03/2021.

FERNANDES, Adélia Barroso. **Jornalismo, cidadania e direitos humanos: uma relação reflexiva no espaço público**. Trabalho apresentado no NP02 – Núcleo de Pesquisa Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05 set. 2002.

FILHO, Alípio de Sousa. **Bagoas: revista de estudos gays**. Volume 02, número 02. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2007.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. RJ: Edições Graal, 1988.

FREUD, Sigmund. **Group Psychology and the Analysis of the Ego**. 6ª edição. Nova Iorque: W.W Norton & Company, 1989.

GASPAR, Stephanie. 52 opções de gênero. É possível?. **Cultura e Gênero: Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero/LIEG**. S.D. Disponível em: <<https://www.culturaegenero.com.br/52-opcoes-de-genero-e-possivel/>>. Acesso em: 04/04/2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 1988. (e-book). Disponível em: <encurtador.com.br/ORU24>. Acesso em: 15/06/2020.

GOMES, Karol. Transexuais serão atendidas em delegacias da mulher. Mudança descarta sexo biológico. **Hypeness**. 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/08/transexuais-serao-atendidas-em-delegacias-da-mulher-mudanca-descarta-sexo-biologico/?fbclid=IwAR0Fn2N3RXp6zP4OP5iuB3rdPELlbZF_QyJez8zq5w6yaszyHHTfpbsFwVU>. Acesso em: 13/03/2021.

GONÇALVES, Alice Calixto et al. **Protocolo policial para enfrentamento da violência LGBTfobia no Brasil**. São Paulo: FGV Direito SP, 2020. 18p. Disponível em: <<https://antrabrazil.files.wordpress.com/2020/12/protocolo-policial-para-enfrentamento-da-violencia-lgbtfobica-no-brasil-1.pdf>>. Acesso em: 12/06/2021.

HOMRICH, Lalo Nopes. **Transgeneridade: reflexões sobre a construção do corpo e da alma na sociedade**. In: XV Poscom PUC-Rio. Rio de Janeiro: Entremeios, 2019.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 12ª edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

JENKINS, H. **A cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceito e termos**. 2012. Disponível em:<<http://www.diversidadesesexual.com.br/wpcontent/uploads/2013/04/G%C3%8ANERO-CONCEITOS-E-TERMOS.pdf>>. Acesso em: 15/06/2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. Metanoia, 2014.

JORDACE, Thiago; FARIA, Rafael. **Fundamentos do direito penal: parte geral**. 1º edição. São Paulo: Tirant lo Blanch, 2019.

JORGE, Marco Antonio Coutinho; TRAVASSOS, Natália Pereira. **Transexualidade: o corpo entre o sujeito e a ciência**. 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

KATIA. Direção de Karla Holanda. Piauí: Em Foco Multimídia, 2013. Documentário (74'). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aQok38s7mMA&list=PLHZVjH7YRAeailM8fi54yWAvknUb1wxS&index=30>>. Acesso em: 03/03/2021.

KÖNIG, Mauri. **Processos de produção jornalística** [livro eletrônico]. Curitiba: Intersaberes, 2019.

KULICK, Don. **Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil**. 1º edição. Rio de Janeiro: FioCRUZ, 2008.

LAERTE-SE-se. Direção: Eliane Brum; Lygia Barbosa da Silva. Brasil: Netflix, 2017.

LANZ, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) Setor de Ciências Humanas. UFPR. Curitiba, 2014. Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36800/R%20-%20D%20-%20LETICIA%20LANZ.pdf>>. Acesso em: 12/06/2021.

LIMA, Eduardo Pereira. **Páginas Ampliadas: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Barueri: Manoele, 2009.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

LOURO, Guacira Lopes et al. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAIA, Rousiley. **Mídia e deliberação**. Rio de Janeiro: FGV, 2008

MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de et al. **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

MORA, Amara; ROCHA, Márcia; BRANT, T.; NERY, João W. **Vidas trans**. Bauru, São Paulo: Astral Cultural, 2017.

MOSER, A.; LOPES, L. F. **Ética ou moral?** In: CARVALHO, G. (org.). **A Ética no Jornalismo brasileiro: conceitos, práticas e normas**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

MOTTA, Fabrício; GABARDO, Emerson. **Limites do controle da administração pública no Estado de direito**. Curitiba: Íthala, 2019.

MOUSINHO, André. O que é SEO (Search Engine Optimization): o guia completo para você conquistar o topo do Google. **Rock Content**. 16, abril, 2020. Disponível em: <<https://rockcontent.com/br/blog/o-que-e-seo/#:~:text=SEO%20significa%20Search%20Engine%20Optimization,para%20um%20site%20ou%20blog>>. Acesso em: 30/03/2021.

MOZDZENSKI, Leonardo. **A (des)construção da imagem transfeminina na publicidade**. In: IX Encontro Nacional de Estudos do Consumo. Rio de Janeiro: ESPM, 2018.

NASCIMENTO, Letícia Carolina Pereira. **Eu não vou morrer: solidão, autocuidado e resistência de uma travesti negra e gorda para além da pandemia**. Revista Interlegere, Rio Grande do Norte, v.3, n. 28, 1 setembro de 2020, p. c21581. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/21581/13152>>. Acesso em: 22/09/2020.

NERY, João. "Ninguém dá emprego para trans", diz escritor João Nery. **Brasil de Gato**. Entrevista concedida ao Sul21. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/08/20/ninguem-da-emprego-para-trans-diz-escritor-joao-nery>>. Acesso em: 13/03/2020.

NOGUEIRA, Gilmaro. **Qual a diferença entre homofobia, heterossexualidade compulsória e heteronormatividade?** Bahia, 18/03/2013. Disponível em: <[NONATO, Murillo Nascimento. A imprensa gay no Brasil: um reforço do comportamento heteronormativo e produção de corpos abjetos. In: IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero - Natal, RN. **Subjetividade, Cidadania e Transfeminismo**. Bahia, Desfazendo Gênero, 2013. Disponível em: <\[https://www.academia.edu/4934602/A_imprensa_gay_no_Brasil_um_refor%C3%A7o_do_comportamento_heteronormativo_e_produ%C3%A7%C3%A3o_de_corpos_abjetos\]\(https://www.academia.edu/4934602/A_imprensa_gay_no_Brasil_um_refor%C3%A7o_do_comportamento_heteronormativo_e_produ%C3%A7%C3%A3o_de_corpos_abjetos\)>. Acesso em: 12/06/2021.](https://acervo.racismoambiental.net.br/2013/03/18/qual-a-diferenca-entre-homofobia-heterossexualidade-compulsoria-e-heteronormatividade/#:~:text=Enquanto%20na%20heterossexualidade%20compuls%C3%B3ria%20todos,heterossexual%2C%20sejam%20heterossexuais%20ou%20n%C3%A3o.>. Acesso em: 22/09/2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <<https://brasil.un.org/pt-br/91601-declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 17/10/2020.

ORLANDINI, Lourenço Floriani. Visibilidade trans: o desafio de ser reconhecido/a pela imprensa. **Coletiva.net**, 2021. Disponível em: <<https://www.coletiva.net/artigos-home/visibilidade-trans-o-desafio-de-ser-reconhecido-a-pela-imprensa-,385064.jhtml>>. Acesso em: 14/06/2021.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história. Trabalho apresentado no **Intercom -XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – UnB – 2006. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0717-1.pdf>>. Acesso: 30/10/2020.

PINHEIRO, Tertuliano C. **Os direitos humanos na Idade Moderna e Contemporânea**. Dhnet, S.d. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/tertuliano/dhnaidademoderna.html>>. Acesso em: 17/10/2020.

PINTO, Antonio Luiz de Toledo et al. **Código Civil; Código Comercial; Código de Processo Civil; Constituição Federal**. São Paulo: Saraiva, 2005.

POSE. Direção: Gwyneth Horder Payton; Janet Mock; Nelson Cragg; Ryan Murphy (I); Silas Howard; Tina Mabry. Estados Unidos da América: 20th Television, 2018. Netflix.

PRINCÍPIOS DE YOGYAKARTA. **Princípios sobre a aplicação de legislação internacional de direitos humanos em relação à orientação sexual e identidade de gênero**. Disponível

em:<http://www.clam.org.br/uploads/conteudo/principios_de_yogyakarta.pdf>. Acesso em: 29/10/2020.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

SANTAELLA, Lucia. **O que é semiótica**. Editora Brasiliense. Disponível em:<<https://www.nucleodepesquisadosex-votos.org/uploads/4/4/8/9/4489229/146282759-o-que-e-semiotica.pdf>>. Acesso em: 29/10/2020.

SANTOS, Juliana Martinelli dos; MORAES, Mirtes de. **Como o jornalismo trata as pessoas trans (transgêneros e transexuais)**. In: XIII Jornada de Iniciação Científica e VII Mostra de Iniciação Tecnológica. . São Paulo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2017.

SANTOS, R. **Práticas produtivas e relacionamento entre jornalistas e fontes de informação**. In: TRAQUINA, N. (Org.). **O jornalismo português em análise de casos**. Lisboa: Caminho, 2001.

SARAIVA, Márcio Sales. Gênero e orientação sexual: uma tipologia para o movimento transfeminista. In: JESUS, Jaqueline Gomes de. **Transfeminismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Ed. Metanoia, 2014.

SEM AUTOR. Com 85% de participação, Google é o buscador mais usado no Brasil. **Portal G1**, São Paulo, 16 de julho de 2013. Disponível em:<<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/07/com-85-de-participacao-google-e-o-buscador-mais-usado-no-brasil.html>>. Acesso em: 20/10/2020.

SEM AUTOR. 'É na infância que tudo acontece', diz especialista em gênero. **Catraca Livre**. 09, setembro, 2020. Disponível em: <<https://catracalivre.com.br/cidadania/e-na-infancia-que-tudo-acontece-diz-especialista-em-genero/>>. Acesso em: 04/04/2021.

SEM AUTOR. Facebook anuncia investimentos de US\$ 1 bilhão no setor de notícias após disputa na Austrália. **Portal G1**, 24 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/02/24/facebook-anuncia-investimentos-de-us-1-bilhao-no-setor-de-noticias-apos-disputa-na-australia.ghtml>>. Acesso em: 30/03/2021.

SEM AUTOR. Facebook promete investir US\$ 1 bilhão em notícias nos próximos três anos. **Gazeta do Povo**. 24 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/economia/breves/facebook-investimento-noticias-redes-sociais/>>. Acesso em: 30/03/2021.

SETÚBAL, Dr. José Luiz. Desenvolvimento de Identidade de Gênero em Crianças.

Instituto PENSI: pesquisa e ensino em saúde infantil. 20, fevereiro, 2018.

Disponível em: < <https://institutopensi.org.br/blog-saude-infantil/desenvolvimento-de-identidade-de-genero-em-criancas/>>. Acesso em: 04/04/2021.

SILVA, Josy. Transexualidade: não nasci homem, nem mulher. Nasci gente! **Youtube**, 4, fevereiro, 2019. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=jjH8WeWriRw>>. Acesso em: 14/06/2021.

SOUZA, Maciana de Freitas. “O que é interseccionalidade?”. **Justificando**, 1, julho, 2019. Disponível em: <<http://www.justificando.com/2019/07/01/o-que-e-interseccionalidade/>>. Acesso em: 12/06/2021

SUDRÉ, Lu. Transexualidade deixa de ser considerada doença, mas ainda é patologizada. **Brasil de Fato**. 03, junho, 2019. Disponível em: < <https://www.brasilefato.com.br/2019/06/03/transexualidade-deixa-de-ser-considerada-doenca-mas-ainda-e-patologizada>>. Acesso em: 04/04/2021.

Transgender Europe’s Trans Murder Monitoring (TMM). International Day Against Homophobia, Transphobia & Biphobia (IDAHOT) Press Release
Already 100 reported murders of trans people in 2016. **Transrespect**. 12, maio, 2016. Disponível em: <<https://transrespect.org/en/idahot-2016-tmm-update/>>. Acesso em: 04/04/2021.

TvT Trans Murder Monitoring. “TMM Update Trans Day of Remembrance 2019”. **Transrespect**. 11, novembro, 2019. Disponível em: <<https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2019/>>. Acesso em: 04/04/2021

VASCONCELOS, Caetano. **Transresistência: histórias de pessoas trans no mercado formal de trabalho**. 2ª edição. São Paulo: Editora Casa Flutuante, 2018.

VAZ, Tyciane Cronemberger Viana. **Jornalismo utilitário - teoria e prática: fundamentos, história e modalidades de serviço da imprensa brasileira**. Tese (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social). Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2013.

YOUTUBE. **Roda Viva | Erika Hilton | 01/02/2021**. Vídeo (1°27’38”). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qvzQd0tN27w&list=PLHZVjH7YRAeailM8fi54yWAvknUb1wxS&index=29&t=1744s>>. Acesso em : 03/03/2021.

